

# Trajetoária bem sucedida

De norte a sul do país, da área de recuperação de reservatórios à diretoria da ANP, a engenheira Magda Chambriard percorreu uma longa e bem sucedida trajetória.

por Cassiano Viana



DESDE OUTUBRO DO ANO PASSADO, a engenheira Magda Chambriard é uma das diretoras da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Ela é a primeira dirigente mulher da Agência, na qual está há seis anos, tendo ocupado vários postos, inclusive as superintendências de Exploração e a de Definição de Blocos.

Respalhada em 22 anos de Petrobras, onde atuou nas mais diversas áreas, esta carioca representa hoje o poder da força feminina na indústria do petróleo.

Filha mais velha de uma família de quatro irmãos, com uma tradição na área médica, Magda tomou outro rumo. Formou-se em engenharia civil pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1979. “Fora da medicina, as únicas exceções foram eu e meu irmão caçula, que é advogado”, observa. “Eu gostava de matemática. Meu pai queria que eu fosse professora, mas eu quis fazer engenharia civil. Eu gosto de canteiro de obra”, diz.

Tanto que, antes mesmo de se formar, foi trabalhar nas obras do Metrô, como auxiliar técnica, nas obras de acabamento das cinco primeiras estações. Foi quando viveu a primeira experiência inusitada, devido ao machismo de algumas pessoas: quando acompanhava *in loco* a fase de concretagem de um dos túneis, a obra foi paralisada pela superstição dos funcionários, que não queriam ter uma mulher na área (como nas minas). “Os funcionários achavam que dava azar”, lembra.

## Ingresso na Petrobras

No último ano de faculdade começou a bater na porta das construtoras. “Meu pai vivia dizendo: minha filha, não vá deixar de

fazer o concurso da Petrobras”, diz sorrindo. “Eu já havia me formado e sido aprovada no concurso da Petrobras, quando me telefonaram de uma construtora, pois havia a possibilidade de substituir um engenheiro em uma obra”, conta.

Chegando lá, disseram não mais ser possível a contratação, pois, uma semana antes, um casal de engenheiros que trabalhava na empresa havia sido demitido, após uma briga dentro do escritório. “O diretor financeiro e acionista majoritário deixara bem claro para o encarregado pelas contratações que não iria contratar mais nenhuma mulher”, lembra Magda. Segundo o executivo, as mulheres chegavam, casavam com um dos engenheiros, arrumavam brigas e acabavam obrigando a empresa a demitir os dois. “Chorei três dias e fui para a Petrobras”, recorda.

Ela ingressou na estatal em 1980, como engenheira estagiária. “Experiência em petróleo eu não tinha nenhuma, mas eu tinha 22 anos.” Nos sete primeiros anos atuou na Área de Engenharia de Reservatórios, em projetos (estudo, implantação e acompanhamento) de Métodos Especiais de Recuperação de Petróleo (Injeção de Vapor, Combustão *in situ*, Injeção de CO<sub>2</sub>) no Nordeste Brasileiro (Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte).

Nesse mesmo período, concluiu a pós-graduação em Engenharia Química pela Coppe/UFRJ (Coordenação dos Programas de Pós-graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1989.

Na época, ela trabalhava com métodos especiais de recuperação, que teve o seu *boom* na dé-

cada de 1980 graças aos altos preços de petróleo, devido às duas grandes crises. “Em determinado momento, precisei muito de termodinâmica, físico-química, transferência de massa etc., cadeiras do mestrado de engenharia química. Daí a decisão de fazer pós-graduação na Coppe.”



### Confiança profissional

Ela conta que estava na Petrobras há mais de oito anos e deveria ir para Stanford, para onde a Petrobras enviava seus profissionais para um programa de treinamento ostensivo. “Mas meu marido, na época, não podia sair do Brasil”, explica. Ela passou um ano convencendo seu superintendente de que poderia fazer alguma coisa no Brasil.

Segundo Magda, o tempo na pós-graduação ajudou a clarear as ideias e objetivos profissionais. “O mestrado é uma iniciação à pesquisa, serve para todo mundo, é um aperfeiçoamento profissional, com a busca por uma metodologia pessoal de pesquisa. O doutorado é um programa que tem como objetivo final o ensino e a pesquisa”, observa. “Mas eu gosto mesmo é de trabalhar na indústria.”

O mestrado, no entanto, lhe conferiu maior confiança profes-

sional. “Esse foi o maior ganho do mestrado: ter um domínio da situação como um todo, saber iniciar um projeto sem uma luz no final do túnel, lidar com as dúvidas, enfrentar as dificuldades e obter um resultado favorável no final”, avalia.

Após o mestrado, Magda percorreu o Brasil inteiro avaliando os projetos da Petrobras, identificando quais eram menos arriscados, que poderiam dar maior lucratividade, ou que eram mais atrativos, e poderiam representar resultado em maior ou menor velocidade. “Isso era fundamental para subsidiar a companhia na definição da distribuição de recursos.”

De 1990 a 2001, trabalhou nas áreas de Engenharia de Reservatórios, de Produção e de Novos Negócios de Exploração e Produção. Em 2002, tornou-se consultora na Área de Novos Negócios, na negociação de blocos exploratórios, campos de petróleo maduros e campos em desenvolvimento, participando das etapas de planejamento dos negócios em parceria e negociação de condições econômicas.

Nos 22 dois anos de Petrobras acabou percorrendo praticamente todas as bacias produtoras brasileiras, o que lhe deu uma visão muito boa das potencialidades do país, tanto na atividade *onshore* quanto na *offshore*. “Hoje em dia eu diria que conheço muito bem os projetos no país”, afirma. “Na área de novos negócios, aprendi a lidar com companhias e ver como pensam os parceiros, como se faz uma parceria e até mesmo uma pré-parceria, quando você ainda está no estágio de convencimento do parceiro do negócio. Também aprendi a lidar com a parte legal e tributária,

contratual. Foi uma experiência bem rica", destaca.

### Transição suave

Madga ingressou na ANP em 2002, como assessora da diretoria, atuando principalmente nas áreas de Exploração e Produção. "Eu me desvinculei da Petrobras com muito receio. Afinal, foram 22 anos de casa. Mas trabalhei a minha vida toda com Exploração e Produção. Não poderia achar a área difícil", observa. "Além disso, a área de novos negócios da companhia foi a transição que eu precisava. Talvez se meu histórico fosse exclusivamente na área técnica, eu tivesse tido mais dificuldade. Foi uma transição mais suave", analisa a engenheira.

A indicação para a ANP foi do engenheiro Newton Monteiro, uma das grandes referências da indústria de petróleo brasileira e mundial. "Quando comecei a trabalhar com o Newton, ainda na Petrobras, ele era chefe de um setor que lidava com a simulação matemática de reservatórios", recorda. "Até a década de 1970 se usava modelagem analítica. O Newton foi responsável pela inserção da modelagem numérica na Petrobras, em escala para reservatórios", destaca Magda.

Os dois trabalharam juntos também na área de Novos Negócios da estatal. "Pude usufruir muito da experiência internacional do Newton, que depois de se aposentar acabou vindo para a Agência, como técnico da Superintendência de Desenvolvimento da Produção e, posteriormente, diretor." Foi nessa época que ela foi convidada para um almoço, no qual Newton Monteiro falou do projeto de campos marginais, campo-escola, para tornar-se um *show room* de capacitação. "Tudo uma desculpa



para me convidar para vir para a Agência", brinca.

### Acumulando experiências

Já na ANP, a engenheira assessora a diretoria nos processos afetos a área de Exploração e Produção de petróleo e gás natural, atuando na análise dos projetos, e também nos processos de apuração de participações governamentais.

Magda também prestou assessoria nas ações de criação e fomento da pequena e média empresa petrolífera no Brasil, na formulação das bases de implantação dos projetos Campo-Escola da Bahia e do Rio Grande do Norte e na viabilização das duas licitações de campos marginais da Agência.

Em 2005 ela assumiu a Superintendência de Exploração (SEP), atuando na regulação e fiscalização das atividades exploratórias realizadas em todo o território nacional. Um ano depois, passou a acumular a Superintendência de Definição de Blocos (SDB), responsável pelos estudos geológicos e geofísicos, visando ao conhecimento dos recursos petrolíferos existentes no território nacional. Uma das tarefas desta superintendência é sugerir ao Ministério das Minas e Energia (MME) e ao Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), vinculado à Presidência da República, os blocos para as licitações de áreas exploratórias no Brasil.

Ela também participou da elaboração do 1º Plano Plurianual para aquisição de novos dados e informações sobre as bacias sedimentares brasileiras, que inclui no cenário petrolífero brasileiro cerca de 5 milhões de km<sup>2</sup> de bacias sedimentares. "Enfim, os últimos anos foram de muito trabalho", analisa. O que ela não esperava era assumir uma diretoria, no final de 2008, que ficou vaga com a saída de Newton Monteiro.

"O Haroldo Lima [diretor-geral da ANP] andava preocupado com a capacitação técnica da Agência e com uma possível descontinuidade dos trabalhos e perguntou ao Newton quem ele indicaria para substituí-lo. Ele resolveu me indicar", revela.

No dia 29 de outubro do mesmo ano, o Senado Federal aprovava o nome de Magda Chambriard, após uma sabatina, na qual foi elogiadíssima pelos participantes, como nova diretora da ANP. "Foi uma situação engraçadíssima, pois eu estava muito ansiosa – me preparei psicologicamente para várias perguntas e, no final, fui muito bem tratada", brinca.

É com o mesmo ânimo que ela avalia o futuro do setor de óleo e gás. "O cenário atual é extremamente favorável. A grande extensão sedimentar do país e os inúmeros indícios de petróleo e gás em diversas bacias sedimentares, de norte a sul, indicam o enorme potencial exploratório do Brasil", afirma. "Além disso, contamos com investimento do Estado brasileiro na coleta de novos dados, visando à redução do risco exploratório e à atração do capital privado", assegura a diretora da ANP. ■